

Apresentação

O Volume 14 da Revista Rebento - Para resistir juntos: artes, universidade e formas de criação compartilhada reúne registros de experiências coletivas de criação que têm a universidade como ponto de encontro e berço.

Esta terceira edição durante o período pandêmico forma um tríptico de publicações voltadas à permanência inter-relacional das produções acadêmicas, artísticas e de extensão. Na edição 12, exigindo inventividade exacerbada diante do choque da Pandemia, as reflexões deram corpo ao tema Distopias, Utopias e outros Tópos em Tempos de Peste. Na edição 13, com o mote Aquele que diz sim, aquele que diz não: experiências docentes com o Ensino Remoto e a Educação à Distância em Artes, foi materializada a proposta de investigar as idiosincrasias e desafios para as práticas cênicas por via remota, sobretudo aquelas direcionadas às ações formativas.

Imaginamos, com o presente número 14 da Rebento, contribuir para o levantamento do protagonismo da instituição acadêmica no acolhimento de docentes pesquisadores(as)-artistas e de coletivos que, em integração ao cenário profissional, aportam modos de pensar e de fazer coerentes com as inquietações de investigação e de reinvenção das linguagens, nutridos pelo estudo acadêmico e pelo interesse experimental que se dissemina na universidade. Quais seriam as perspectivas que emergem a respeito da produção de perspectiva coletiva, em termos dos seus integrantes, interesses e processos artísticos, diante da oferta de cursos em nível superior nas áreas de teatro, dança, música e artes visuais, e da abertura das instituições acadêmicas a uma maior diversidade de sujeitos? Quais formas de criação compartilhada têm sido geradas no cruzamento entre artes e universidade?

Ainda vislumbrando um horizonte pleno de desafios para as práticas artísticas coletivas e para os estudos sobre seus agentes, pressupostos e percursos, mas atendendo a esse desejo de ver discutida a implicação do diálogo entre artes e universidade, a Rebento convidou à verificação crítica dessas formas de estar em coletividade e de constituir comunalidade. Em resposta, recebemos artigos, textos dramaturgicos, ensaios visuais, registros de processo, entrevistas, resenhas e traduções, que estão aqui distribuídas no Dossiê Para resistir juntos: artes, universidade e formas de criação compartilhada, ao lado de produções em Fluxo Contínuo que completam esta edição.

Abrindo o Dossiê, o artigo Augusto Boal: a linguagem teatral como ferramenta de libertação coletiva, de Audrey Cristina Barbosa e Paulo Fernando de Souza Campos, revisa a importância para a história do teatro de Augusto Boal,

destacando a maneira como o artista desdobrou a dimensão coletiva em suas diferentes fases de trabalho. A seguir, em *Do depoimento à cena: o caráter autobiográfico na criação em modo colaborativo*, Mateus Junior Fazzioni, Amanda Pedrotti e Marcia Berselli discutem diferenciações entre a criação coletiva e o modelo colaborativo, para tramar o segundo à performance de foco autobiográfico; o que oferece questões pertinentes sobre o trânsito entre a pessoa e a coletividade, pulsantes no momento presente.

Adiante, os artigos *Para fazer Mutyrão: rastros, restos e resíduos de performances, políticas e pedagogias co-imaginadas*, de Denise Pereira Rachel, Diego Alves Marques e Barbara Kanashiro Mariano, e *Performance, rua, fofoca: criação coletiva de ações estético-políticas*, de Júlia Petiz Porto, Pâmela Fogaça Lopes e Angela Raffin Pohlmann, compõe-se num duo, em que entram em debate as experiências da arte da performance e da intervenção urbana para a criação de uma vivências compartilhadas. No primeiro, *Boletins Imaginários* informam a gênese das ações performativas do Coletivo Parabelo, em seu “Mutyrão de Imaginação Performativa, Política e Pedagógica”: a ação performática, política e pedagógica é realizada pelo Coletivo em diálogo com escolas, universidades e espaços públicos a partir desses programas, que miram a reinvenção dos pressupostos ali encerrados. No segundo, as criadoras da performance *Mamíferas*, apresentada no evento *A Hora do Mamaço*, em Pelotas (RG), expõem meandros da relação entre ações performáticas coletivas com recorte feminista e reclames sociais, confrontando estereótipos e tabus propagados pelas estruturas de poder.

Os três próximos artigos abordam diferentes aproximações entre ensino, pesquisa e criação nas artes cênicas. Em *Um fazer coletivo em dança: Cia Damas em Trânsito e os Bucaneiros*, Clara Gouvêa do Prado e Lilian Freitas Vilela enfocam as experiências de criação dos espetáculos *Lugar do Outro* (2011) e *Espaços Invisíveis* (2013), produzidos pela companhia de dança, pensando a respeito de processo colaborativo e autoria em rede em dança contemporânea. No texto *Ensino de teatro e formação de grupo: relato de uma experiência artístico-pedagógica*, de Maria Alice Possani, a história do grupo *Matula*, imbrica-se à memória de nascimento e estruturação do curso de Graduação em Artes Cênicas da Universidade de Campinas. A partir dos conceitos de direcionalidade e de grau de propositividade, analisa a tendência de organização da criação cênica em coletividade, gestada pelo curso a partir da década de 2000. Já o artigo *Grupo de Pesquisa e experiências artísticas em dança: relações entre tradições e abordagens somáticas*, de Carolina Dias Laranjeira e Ana Valéria Ramos Vicente, relata processos artístico-pedagógicos que envolvem produção de corporalidades, dramaturgias e poéticas. Desta feita, observa-se a ação de grupos de pesquisa da área de Dança da Universidade Federal da Paraíba, que se combina à pesquisa voltada às práticas somáticas e às tradições populares e de matrizes afro-diaspóricas, indígenas e caboclas.

O texto *Tatuagem à distância: a formação de um grupo de estudos de tatuagem durante a pandemia de COVID-19*, de Maria Isabel Dagli Hernandez, Taiom Almeida da Silva, Leonardo Ferreira do Nascimento, Sabrina de Oliveira, Vitor Bento Botarelli e Victoria Bispo Ribeiro dos Santos, discute a formação independente de um grupo de estudos sobre tatuagem no espaço de um curso em

Artes Visuais. Surgido durante a pandemia, a autogestão do coletivo visa suprir parte da lacuna gerada, segundo as autoras e autores, pela separação da atuação das linguagens artísticas já institucionalizadas.

Em *Sarau Virtual: arte e resistência no entre das telas*, de Andréia Regina de Oliveira Camargo, Ítalo Butzke e Thaise Vieira de Araujo, vemos descrita outra ação em grupo que fortalece a relação entre a coletividade acadêmica e a sociedade. A memória da realização do Curso de Extensão Sarau Virtual, por docentes do Núcleo de Educação Infantil Paulistinha, da Universidade Federal de São Paulo, ministrado online, explora o fazer e comentar a arte como espaço de escuta, encontro, vivência e manifestação artística.

Por meio de *Ensaio Visual*, de Cacá Bernardes, tomamos contato com a instalação performativa *Insuflação de uma morte crônica*, de Cacá Bernardes e Bruna Lessa. O ensaio revê a performance criada por quatro mulheres, Cacá Bernardes, Carina Iglecias, Joanna Coutinho e Bruna Lessa, realizada como reação aos impasses que a quarentena acarreta no cotidiano de artistas mulheres, diante da morte, do desemprego, da violência no ambiente doméstico, do vírus e da necropolítica brasileira.

Nesta edição 14 da *Rebento*, inauguramos a Seção de Resenhas, com três contribuições sobre produção cênica em coletividade. Diogo de Oliveira Spinelli resenha *Teatro Popular de Ilhéus 25 anos: a história do grupo que desafiou a lógica do fazer teatral em terra de coronéis (2021)*, de Pedro de Albuquerque Oliveira. Importante documento para a historiografia do teatro brasileiro contemporâneo, registra a trajetória do grupo TPI, proveniente de Ilhéus, Bahia. Márcio Aquiles escreve sobre o livro *Teatro de Grupo na cidade de São Paulo: criações coletivas, sentidos e manifestações em processos de lutas e de travessias (2021)*, organizado em parceria com Alexandre Mate, em iniciativa da Associação dos Artistas Amigos da Praça, por meio da SP Escola de Teatro, com Ivam Cabral, Elen Londero e Joaquim Gama. Cerca de duzentos grupos teatrais da Grande São Paulo figuram na catalogação, que vem acompanhada de ensaios críticos de artistas e pesquisadores atuantes no estado de São Paulo. Simone Carleto resenha *Práticas Teatrais: sobre presenças, treinamentos, dramaturgias e processos (2020)*, elaboração coletiva do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais - Lume, de Campinas, que desde 1985 é referência nacional e internacional em criação em artes, nutrindo ações formativas extensionistas e pesquisa acadêmica. São três publicações que celebram a criação em grupo e esmiúçam sua singularidade.

Na seção Entrevistas, o artigo *A arte de ensaiar: diálogos e reflexões sobre as práticas da atuação em coletivos teatrais*, de Gabriella Baleeiro, Renato Martins, Sofia Botelho e Vinícius Torres Machado reúne excertos sobre o universo da atuação em grupos teatrais, selecionados dos relatos de Gilda Nomacce, Dani Nega, Danilo Grangheia, Pascoal da Conceição, Denise Weinberg, Rodrigo Bolzan, Nilceia Vicente, Luah Guimarães, Naruna Costa, Mariana Senne, Juliana Monteiro, Renata Carvalho, Marcio Douglas e Thiago Antunes, artistas que foram entrevistados por estudantes de Graduação, mestranda e professor do Instituto de Artes da Unesp. Do conjunto, emerge um interessante perfil do sujeito

histórico “teatro de grupo”, entrelaçando trajetórias heterogêneas e significativas nas últimas décadas, no âmbito do teatro de grupo paulistano.

Em seguida, na seção Dramaturgias, a escrita de Bruno Canabarro, mal passado, traz à tona a subjetividade de um indivíduo no centro de um tormento, em uma proposição de monólogo cênico. Uma narrativa poética do relato de um sonho, traduz como nos afetam os acontecimentos no contexto da pandemia no Brasil.

Na seção Traduções, Victor Lavarda de Freiras apresenta o artigo Experiência Teatral, Experiência Tecnovivial: nem identidade, nem campeonato, nem superação evolucionista, nem destruição, nem vínculos simétricos, traduzido do original de Jorge Dubatti. Nos interstícios da virtualidade que espetaculariza o cotidiano de indivíduos, Dubatti considera possível uma certa subversão dos meios, possibilitando o que denomina por tecnovívio. Tal abordagem tem sido reconhecida como uma perspectiva efetiva de atuação significativa, mesmo que em debate.

Finalmente, no Fluxo Contínuo, Márcio Ricardo Desideri assina Des-territórios nas artes virtuais: o campo híbrido do(da) maquiartista, em redes de criação compartilhadas. O autor busca estabelecer a maquiagem como linguagem, considerando sua presença em diferentes terrenos, assim como seu caráter inter-relacional, por envolver múltiplos sujeitos e variados saberes e fazeres. Assim, defende a significância do híbrido maquiartista na área artística, a partir de suas especificidades.

Esperamos que a leitura da Rebento 14 possa inspirar outras tantas práticas, partilhas, reflexões e relações que podem ser estabelecidas pela comunidade leitora. Em um tempo de distanciamento dos corpos físicos e de contínuas ameaças à experiência autônoma e criadora do coletivo, que continuemos urdindo cenários mais auspiciosos que esse que estamos a viver.

Editoria da Rebento
Lúcia R. V. Romano e Vinícius T. Machado,
com contribuição de Simone Carleto